

**Resumo:** A proposta de Aparecida se insere, por um lado, no contexto da renovação do Vaticano II, em sua “volta às fontes” bíblicas e patrísticas e, por outro, no gradativo processo de involução eclesial das últimas décadas. De maneira surpreendente, a V Conferência resgatou o Concílio e reafirmou a tradição libertadora da Igreja na América Latina. Foi o renascer de uma esperança. Foi neste contexto, entre o medo de avançar e a audácia de lançar-se na tessitura do risco, que a Igreja foi surpreendida com a eleição do Papa Francisco. Com Aparecida e desde a primeira-hora, o novo Bispo de Roma assumiu e propôs à Igreja universal a retomada da renovação conciliar, em estreita sintonia com o modo como a Igreja na América Latina a tem assumido e levado a cabo. Aparecida e *Evangelii Gaudium* desafiam todos nós, cristãos, a sermos: uma “Igreja samaritana”, companheira de caminho na solidariedade com toda a humanidade, especialmente com os que sofrem; uma “Igreja profética”, no seio de uma sociedade excludente, que trata dos pobres como descartáveis e insignificantes; e uma “Igreja em estado permanente de missão”, disposta a sair às ruas, ao encontro das periferias existenciais.

**Abstract:** The fundamental issue of Aparecida concerns and penetrates the purpose of renovation of Vatican II, as regards its “return to the sources” through understanding biblical and Patristic origins and, on the other hand, reassumed its gradual shift of ecclesial reverse during the last decades. Quite surprisingly, the Vth Conference restored the Council and reaffirmed the liberating tradition of the Church of Latin America. It was a rebirth of hope. It happened in this context, between fear of going ahead and audacity to assume a new challenge that the Church was faced with something quite unexpected in the election of Pope Francis. Engaging in the movement of Aparecida since the start, the new Bishop of Rome took over and proposed to the whole Church the initiatives and renovation of tenets of the Council within strict adherence to the modes in which the Church of the Latin American was engaged in and was trying to lead to perfection. As a matter of fact, Aparecida and *Evangelii Gaudium* are challenging all of us as Christians to become a “Church compared with the Good Samaritan” (cf. the parable in the Gospel), as a companion in the way of solidarity with humanity as a whole, especially with those who are suffering; it is supposed to be a “prophetic Church” in the midst of society renowned for its exclusivity since it is treating the poor people as objects to be discarded and insignificant trash. This Church is supposed to be a “Church on a state of permanent mission” and quite ready to go out on the streets to meet the outcasts roaming about in the periphery.

## Desafios pastorais de Aparecida e interpelações do Papa Francisco

*Agenor Brighenti\**

\* O autor é Presbítero da Diocese de Tubarão, SC; professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em Curitiba; professor-visitante na Universidade Pontifícia do México e no Instituto Teológico-Pastoral para a América Latina, do CELAM, em Bogotá; Presidente do Instituto Nacional de Pastoral da Conferência dos Bispos do Brasil e membro da Equipe de Reflexão Teológica do CELAM.



Desde a primeira-hora, *Aparecida* (2007) significou o renascer de uma esperança<sup>1</sup> e uma grata surpresa, pois, fez o resgate do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da tradição libertadora latino-americana, inaugurada em *Medellin* (1968)<sup>2</sup>. O Documento da V Conferência Geral dos Bispos da América Latina e do Caribe soou como um “toque de trombeta”, convocando a Igreja a sair do “comodismo, estancamento e tibieza” e a superar o “cansaço e a desilusão” (*DAP* 362). Para os Bispos, era chegada a hora de fazer profundas mudanças na Igreja, tempo ingente para uma “conversão pastoral” (*DAP* 365), tal como havia preconizado *Santo Domingo* (1992).

O tom e o teor do “documento original”, cuja redação teve a co-ordenação do então Cardeal Bergoglio, hoje Papa Francisco, provocou a reação de segmentos da Igreja, atores do processo de involução eclesial das últimas três décadas<sup>3</sup>. Aí veio a desagradável surpresa: o Documento de Aparecida, antes de tornar-se “documento oficial”, o “documento original” sofreu a censura de segmentos, uns dizem que por parte da Cúria Romana e outros também do CELAM, que fizeram ao redor de 250 mudanças no texto, entre correções, supressões e acréscimos, dentre elas, umas quarenta mudanças maiores, de fundo.

No contexto de recepção de *Aparecida*, para desconcerto dos segmentos eclesiais responsáveis pela involução eclesial pós-conciliar, foi a eleição do Papa Francisco, o até então Cardeal Bergoglio, avalista do censurado “documento original” da V Conferência. E para surpresa de todos, agradável para muitos e desagradável para outros, desde a primeira-hora de seu pontificado, o Papa Francisco tem-se encarregado de resgatar, agora com o peso de “magistério pontifício”, aquelas mesmas propostas do “documento original” de Aparecida, censuradas pela Cúria. A Exortação *Evangelii Gaudium*, que numa conversa informal

<sup>1</sup> Cf. AMERINDIA, *V Conferência, renascer de uma esperança*. São Paulo: Paulinas, 2008.

<sup>2</sup> Sobre esta mudança radical da Igreja na América Latina e sua relação com o Vaticano II, ver: SCATENA, S. *In populo pauperum. La chiesa latinoamericana dal Concilio a Medellin* (1962-1968). Bologna: Il Molino, 2007.

<sup>3</sup> Sobre a questão, ver C. V. MANZANARES. *Postmodernidad y Neoconservadurismo*. Estella: Ed. Verbo Divino, 1991; R. LUNEAU; P. LADRIÈRE. *Le retour des certitudes*, Paris: Centurion, 1988 e, também, dos mesmos autores, *Le rêve de Compostelle*. Paris: Centurion, 1990; J.-I. GONZÁLEZ FAUS. *El meollo de la involución eclesial*, *Razón y Fe* 220 (1989) nn. 1089/90, 67-84; F. CARTAXO ROLIM. *Neoconservadurismo eclesiástico e uma estratégia política*, *REB* 49 (1989) 259-281; P. LADRIÈRE; R. LUNEAU (dir.). *Le retour des certitudes: Événements et orthodoxie depuis Vatican II*. Paris: Le Centurion, 1987, p. 161-178; J. B. LIBÂNIO. *A volta à grande disciplina*. Col. Teologia e evangelização, n. 4. São Paulo: Loyola, 1984.



aos Bispos do CELAM o Papa Francisco diz ser “uma cópia mal feita de Aparecida”, assume e propõe à Igreja universal, aquelas características mais genuínas da “recepção criativa” do Vaticano II e da tradição libertadora, gestadas pela Igreja na América Latina: uma Igreja pobre e para os pobres, presente nas periferias, solidária com os que sofrem, organizada em pequenas comunidades de base, inseridas profeticamente numa sociedade excludente, sob o protagonismo dos leigos, em especial das mulheres, animada por pastores com “cheiro de ovelha”, todos empenhados em tornar presente o Reino de Deus, que em sua dimensão imanente se confunde com uma sociedade inclusiva de todos.

A eleição do Papa Francisco, sem dúvida, deve-se muito a *Aparecida*, que havia criado na Igreja um novo momento eclesial de retomada do Vaticano II e da tradição libertadora latino-americana. Havia chegado a hora das jovens Igrejas do Sul, não só porque abrigam a maioria dos católicos, como são portadoras, desde a vitalidade de suas comunidades, de uma proposta evangelizadora arrojada e desafiante. Numa mescla de *Gaudium et Spes* e *Evangelii Nuntiandi*, *Aparecida* e *Evangelii Gaudium*, para levar adiante a renovação do Vaticano II, propõem uma Igreja samaritana, profética e missionária.

## 1 Uma Igreja samaritana

“Igreja samaritana” é uma expressão de Paulo VI, pronunciada numa alocução alusiva à auto-compreensão e postura da Igreja, tão bem plasmada no preâmbulo da *Gaudium et Spes*: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias do homem de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (*GS 1*)<sup>4</sup>. Em *Aparecida*, esta imagem de Igreja é resgatada com força, no contexto de uma sociedade que trata os pobres como “supérfluos e descartáveis” (*Dap 26, 176, 419*). Na *Evangelii Gaudium*, a “Igreja samaritana” é uma imagem recorrente.

### “Igreja samaritana” em Aparecida

A evocação de uma “Igreja samaritana” aparece em *Aparecida* já no início do Documento: “iluminados pelo Cristo, o sofrimento, a injustiça e a cruz nos desafiam a viver como Igreja samaritana, recor-

<sup>4</sup> Cf. J. SOBRINO. Aprender a unir lo divino y lo humano, in *Sal Terrae* 91 (2003) 817-829.



dando que ‘a evangelização vai unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação’ (Bento XVI, DI)” (*DAp* 26). Num mundo marcado pelo “triunfo do indivíduo solitário” (J. Comblin), com a emergência do indivíduo hiper-narcisista, hiper-consumista e hiper-hedonista, pouco a pouco se vai perdendo “o real da realidade” (J. Sobrino) dos outros, sobretudo dos que não fazem, mas “padecem a historia” (Eduardo Galeano). A dureza de estar “condenado a salvar-se sozinho, em meio a milhões de concorrentes”, forja corações de pedra, insensíveis à dor e até às alegrias do outro<sup>5</sup>.

Ora, o Deus de Jesus Cristo é alguém que se revelou solidário com a “aflição de seu povo”, que vê, ouve, toma partido pelos injustiçados e sai ao encontro deles, convocando-os para sair “da terra da escravidão” e colocar-se a caminho da “terra onde corre leite e mel”. “*Ele tanto amou o mundo que deu seu próprio Filho*” (Jo 3,16), que assumiu nossa condição humana. Jesus, Emanuel, foi “tão humano, que só podia ser Deus” (L. Boff). Ele acolheu a todos, em especial os pecadores e os excluídos. Não veio para condenar, excomungar, mas para sanar, salvar. Mostrou compaixão, compreensão, amor misericordioso, atitudes estas capazes de suscitar reações imprevisíveis de conversão e generosidade (Zaqueu, Maria Madalena, a mulher samaritana).

Numa sociedade desacreditada da Igreja e, às vezes, por causa dela, do próprio Evangelho, *Aparecida* nos convocou a “recomeçar tudo em Jesus Cristo” (BENTO XVI, *DI, DAp*). Voltar a redescobrir o Jesus histórico, o Galileu de Nazaré, o samaritano da parábola. Há muita gente solitária em nossas babilônicas cidades, em intermináveis monólogos, em frente de um monitor de computador ou de televisão. Vivendo num mundo virtual, idealizado, muito distante do “cheiro de estrebaria” da gruta de Belém (Milton Schwantes). Vítimas do “pequeno burguês” como utopia, da sociedade do bem-estar e do conforto, do “padrão de vida americano”, que é uma ameaça à viabilidade da vida humana e seus ecossistemas, no seio de um planeta já gravemente enfermo. Ao redor de sua própria “ilha de prosperidade”, há um mar de pobreza, muita violência, que gera medo e acovarda. Que leva a criar seu próprio mundo à margem do submundo da maioria. “Liberdade, hoje, é poder construir uma prisão para si” (Selvino Assmann). “Onde dormirão os pobres?”

<sup>5</sup> Sobre as dificuldades de estabelecimento de laços comunitários no mundo e na Igreja hoje, ver L. R. BENEDETTI, “Comunidade: aspectos sócio-antropológicos”, in A. BRIGHENTI; B. CARRANZA (Org.), *Igreja, Comunidade de Comunidades: Experiências e Avanços*. Brasília: Ed. CNBB, 2009, p. 16-26.



(Gustavo Gutiérrez). Que futuro para o “mundo dos insignificantes” e “descartáveis” (*DAP* 65): os moradores de rua, os migrantes, os presidiários, as vítimas de enfermidades endêmicas, a multidão dos drogados, os enfermos da rede pública de saúde (*DAP* 407-430)?

Para sermos uma Igreja samaritana é preciso deter-se diante destas realidades, diante do irmão caído. Não com olhar de desprezo, medo, juízo temerário. Não simplesmente seguindo o próprio caminho, em direção ao “templo” do *shopping center* de uma Igreja “alheia ao sofrimento que a maioria de nossa gente vive” (*DAP* 176). Mas, deixar a realidade falar. Deixar-se surpreender. Não ver o outro como mesmidade ou prolongamento do eu, mas como totalmente outro, diferente<sup>6</sup>. Uma diferença, que não é necessariamente uma ameaça, mas antes promessa de novas possibilidades. Descentrar-se de si mesmo e de seu mundo, é condição para uma Igreja samaritana. Sair ao encontro e construir pontes, em lugar de levantar muros; abrir-se ao diálogo, ao invés de sofisticar os alarmes; encarar as situações desestabilizadoras, em lugar de refugiar-se nos soníferos ou no mundo das novelas.

O melhor ponto de partida para uma Igreja samaritana é aquele onde a gente está. Mas, não simplesmente se acomodando a ele, quem sabe “ilha de prosperidade, rodeada por um mar de pobreza”<sup>7</sup>, um mundo artificial dentro do mundo, uma sub-cultura eclesial, um gueto. É preciso ter a coragem de perguntar-se se estou no lugar certo. Há certos lugares que nos impedem de ver certas coisas. A riqueza não é má em si, mas Jesus nos advertiu que é uma falsa amiga, pois pode nos fazer cegos e surdos ao grito dos que sofrem. Não basta inserir-se no mundo. Dentro de que mundo? Dos 20% de privilegiados incluídos ou dos 80% sobrantes e excluídos?<sup>8</sup> A opção de Jesus pelo *sujeito social* – os excluídos – leva-o a assumir seu *lugar social*. Não perder de vista que somos seguidores de um Jesus pobre e peregrino.

Diferente do *Documento de Participação*, para o qual o “ponto de partida” para o compromisso cristão era a “fome de verdade”, a “fome

<sup>6</sup> J. REDING. «Évangéliser dans un monde sécularisé», in *La foi et le Temps* 5 (1992) 453-469, aqui p. 458 (número especial que recolhe as conferências do Coloquio: *Évangélisation de l'Amérique latine: histoire et projet*, Louvain-la-Neuve, 6 e 7 de fevereiro de 1992). Ver, também, P. RICOEUR. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990, p. 409. Perspectiva posta em relevo por E. LÉVINAS. *Ethique et Infinité*. Paris: Fayard, 1982; Id., *Totalidad e Infinito*. Salamanca: Sígueme, 1987.

<sup>7</sup> S. SALGADO. *Exodus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 11.

<sup>8</sup> Cf. G. GUTIÉRREZ. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1984.



de contemplação” ou o “desejo de felicidade” (n. 1), como também da *Síntese das Contribuições Recebidas*, que era a “sede de céu” (n. 1), em *Aparecida*, seguindo o método ver-julgar-agir, partiu-se, a exemplo do Vaticano II, dos “sinais dos tempos”, presentes em uma realidade ambígua e contraditória.

Para os Bispos, as condições de vida dos milhões e milhões de abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e sua dor, contradizem o projeto do Pai e desafiam os cristãos a um maior compromisso em favor da cultura da vida. O Reino de vida, que Cristo veio trazer, é incompatível com estas situações desumanas. Fechar os olhos diante destas realidades é não defender o Reino de Vida. “*Quem não ama, permanece na morte*” (1Jo 3,14). Há uma inseparável relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo, que convida a todos a suprimir as graves dificuldades sociais e as enormes diferenças no acesso aos bens. Toda a preocupação por desenvolver estruturas mais justas ou por transmitir os valores sociais do Evangelho, situam-se neste contexto de serviço à vida digna (*DAP* 358).

### “Igreja samaritana” no magistério do Papa Francisco

Em contraposição a uma “Igreja alfândega”, e em comunhão com Paulo VI, em entrevista à Revista *Civiltà Cattolica*, o Papa Francisco advoga por uma “Igreja samaritana”:

*vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o nível de açúcar altos. Primeiro, deve-se curar as suas feridas. Depois podemos nos ocupar do restante. Curar as feridas, curar as feridas... E é necessário começar de baixo.*

No pronunciamento aos bispos do CELAM, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Brasil, na perspectiva de João XXIII, o Papa Francisco fala da necessidade de uma Igreja-mãe, condição para uma Igreja-mestra, que só se legitima quando respaldada pelo testemunho. A vocação e missão da Igreja começam, segundo o Papa, “pelo exercício da maternidade da Igreja, que se dá pelo exercício da misericórdia”. Só a misericórdia



*gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão... Por isso, faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, temos hoje poucas possibilidades de nos inserir em um mundo de 'feridos', que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor.*

Isso implica a Igreja descentrar-se de si mesma, o que não significa, necessariamente, sair de seu espaço e apressar-se em direção aos outros. Em *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco afirma que sair de si mesma significa, antes de tudo,

*uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção dos outros para chegar às periferias humanas não significa correr para o mundo, sem rumo e sem sentido. Muitas vezes, implica antes deter os passos, deixar de lado a ansiedade para olhar nos olhos e escutar; ou renunciar as urgências para acompanhar quem ficou à beira da estrada. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que fica com as portas abertas para que, quando regresse, possa entrar sem dificuldade (EG 46).*

Isto acena para uma pastoral da acolhida, o aconselhamento pastoral, espaços e tempo de atendimento, o que implica uma esmerada formação humana de nossos agentes de pastoral, às vezes com pouca habilidade nas relações, sobretudo, com pessoas em situações especiais.

Na perspectiva de uma “Igreja samaritana”, outra questão recorrente do Papa Francisco, retomada em diversas ocasiões, é o perfil de bispo, em sua grande maioria, na Igreja hoje, distante do estilo de episcopado do “pacto das catacumbas”, selado por um grupo de Bispos no encerramento do Concílio Vaticano II. O clericalismo dos presbíteros parece agravado no modelo de bispo que predominou nas últimas décadas.

Ao ordenar novos Bispos em Roma, o Papa Francisco lhes faz três recomendações. Primeiro, que

*sejam pastores com cheiro de ovelha, presentes no meio de sua gente como Jesus, o Bom Pastor. A presença de vocês não é secundária, é indispensável. As próprias pessoas pedem isso, desejam ver o seu bispo caminhar com elas, para estarem próximas dele. Não se fechem! Vão para o meio de seus fiéis, inclusive nas periferias de suas dioceses e em todas as “periferias existenciais” onde há sofrimento, solidão, degradação humana. Presença pastoral significa caminhar com o povo de Deus: na frente, assinalando o caminho; no meio, para fortalecer a unidade;*



*atrás, para que ninguém se desgarre, mas, sobretudo, para acompanhar o olfato que o povo de Deus possui para encontrar novos caminhos.*

Segundo,

*os Bispos devem ser pastores, próximos das pessoas, pais e irmãos, com grande mansidão, pacientes e misericordiosos, capazes de escutar, compreender, ajudar e orientar. Homens que amem a pobreza, quer a pobreza interior como liberdade diante do Senhor, quer a pobreza exterior como simplicidade e austeridade de vida. Homens que não tenham psicologia de príncipe.*

Terceiro,

*o Bispo precisa ficar com o rebanho. Refiro-me à estabilidade, que tem dois aspectos específicos: “permanecer” na Diocese, e permanecer “nesta” Diocese, sem buscar transferências ou promoções. Os Bispos precisam ser homens que não sejam ambiciosos e que sejam esposos de uma Igreja, sem viver na expectativa de outra, melhor ou mais rica. Tenham o cuidado de não cair no espírito do carreirismo, que é um câncer na Igreja. Como pastores, não é possível realmente conhecer o próprio rebanho, caminhar na frente, no meio e atrás dele, cuidá-lo com o ensinamento, a administração dos sacramentos e o testemunho de vida, caso não permaneçamos na Diocese. Permaneçam junto ao rebanho; evitem o escândalo de ser bispo de aeroporto.*

## 2 Uma Igreja profética

Não basta uma Igreja samaritana, acolhedora, mãe, misericordiosa. Para *Aparecida*, é preciso colocar o ferido de pé, para que ele mesmo faça caminho. É preciso que a Igreja seja também mestra, profética, transformadora, libertadora (*DAP* 480, 337, 518i).

### “Igreja profética” em Aparecida

Nas últimas décadas, com preocupação, temos visto a irrupção das comunidades terapêuticas, de novas “comunidades de vida”, que têm-se voltado para os que sofrem e até para os mais pobres entre os pobres. São comunidades integradas por pessoas sensíveis à dor do outro, cheias de compaixão pelos que sofrem, com uma capacidade de entrega e de vivência da pobreza indiscutíveis. É a irrupção da dimensão terapêutica



da religião, eclipsada pela priorização das causas sociais e pelas mudanças estruturais. Havia ficado em segundo plano a pessoa, enquanto indivíduo, com suas necessidades pessoais, em sua subjetividade e singularidade, na crueza do presente, do momentâneo<sup>9</sup>.

Entretanto, apesar da legitimidade e necessidade do resgate da dimensão terapêutica da religião, ao lado do “terapêutico” é preciso evocar o “profético”, sob pena do terapêutico constituir-se em porta de saída da religião, fazendo dela alienação<sup>10</sup>. Deus não pode ser transformado em “objeto de desejos pessoais”, assim como a religião não pode reduzir-se a prosperidade material, saúde física e realização afetiva. Somos todos conhecedores da ação dos “mercadores da boa fé”, das “igrejas pedagógicas”, do mercado do religioso, que já é o segundo produto mais rentável do capitalismo. Buscas sinceras por respostas a perguntas legítimas estão sendo instrumentalizadas por um mercado ou por pessoas que estão secularizando o religioso ou paganizando o cristianismo<sup>11</sup>. Por detrás de certas iniciativas estão, muitas vezes, até situações patológicas<sup>12</sup>.

Na experiência religiosa, sobretudo no cristianismo, o terapêutico precisa estar ligado ao profético. Jesus não foi um curandeiro, nem ressuscitou todos os mortos ou expulsou os “demônios” de todos os “possessos” que encontrou. Operou somente alguns milagres como “sinais” históricos da presença do Reino escatológico que ele estava inaugurando. A salvação é universal e comunitária, disse o Vaticano II, escatológica,

<sup>9</sup> Sobre o fenômeno das novas comunidades de vida, ver L. R. BENEDETTI. “Movimentos e Comunidades de Vida” in A. BRIGHENTI; B. CARRANZA (Org.). *Igreja, Comunidade de Comunidades: Experiências e Avanços*, op. cit., p. 99-104; B. CARRANZA; C. MARIZ; M. CAMURÇA (Org.). *Novas Comunidades Católicas: Em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Ideias e Letras, 2009.

<sup>10</sup> A. BRIGHENTI, “Igreja e Comunidade. Ressonâncias” in A. BRIGHENTI; B. CARRANZA (Org.). *Igreja, Comunidade de Comunidades: Experiências e Avanços*, op. cit., p. 162-174.

<sup>11</sup> Ver B. CARRANZA. “Perspectivas da neopentecostalização católica” in B. CARRANZA; C. MARIZ; M. CAMURÇA (Org.). *Novas Comunidades Católicas: Em busca do espaço pós-moderno*, op. cit., p. 33-58.

<sup>12</sup> Sobre as mudanças em curso no seio da religião, ver J. M. MARDONES. *Para comprender las nuevas formas de la religión*. Navarra: Edit. Verbo Divino, 1994, p. 151-163; A. N. TERRIN. Despertar religioso: nuevas formas de religiosidad. *Selecciones de Teología* 126 (1993) 127-137; R. CAMPICHE et alii. “Individualisation du croire et recomposition de la religion” in *Archives de Sciences sociales des Religions* 81 (1993) 117-131; na América Latina, ver M. AZEVEDO. “América latina. Perfil complexo de um universo religioso” in *Medellín* 87 (1996) 5-22; sobre as mudanças do cristianismo em relação à modernidade, ver D. HERVIEU; F. CHAMPION. “Les manifestations contemporaines du christianisme et la modernité” in Centre T. Moro, *Christianisme et modernité*, Cerf, Paris 1990.



sem podermos, de um lado, esgotá-la na história e, de outro, relegá-la à meta-história. Pelo fato de sermos cristãos, não está assegurado que não vamos nos deparar com doenças, obstáculos, provações ou dificuldades financeiras. A religião como alienação tende a responsabilizar o diabo por todo o mal existente e a Deus por todo bem a realizar, fruto de uma falsa interpretação das bem-aventuranças. Milagres e exorcismos tendem a ser as duas alternativas diante do mistério do mal. É a pretensão de uma opção pelos pobres sem dor, sem conflito, sem cruz, com todo o respaldo do supérfluo dos ricos. Buscar um Cristo sem cruz é encontrar uma cruz sem Jesus. Quem salva é o Jesus da cruz, o Cristo da ressurreição. É a volta de uma caridade despolitizada, assistencialista, filantropia igreja, que faz do pobre um “objeto” de caridade e não “sujeito” de sua própria história de salvação com os outros.

Ao lado de uma Igreja samaritana, *Aparecida* nos conclama a sermos uma Igreja profética, que vá lá onde o pobre está e se faça “companheira de caminho”, para que ele seja sujeito com outros sujeitos e façam história de salvação<sup>13</sup>. Por isso, pede um sereno discernimento sobre o “sentido, necessidade e autenticidade” destas novas formas de vida religiosa (*DAp* 222). Fazer caminho com os insignificantes é ser Bom Pastor, que vai à frente, defendendo-os dos perigos e ameaças e, portanto, arriscando-se, assumindo os conflitos, que pode redundar em perseguição e martírio. Não se pode ignorar e muito menos fugir dos conflitos da sociedade. A fé cristã não nos tira do mundo. Com a Bíblia não é possível justificar a fuga do mundo, ao contrário, a ressurreição é o culminar da Encarnação, pois, “o que não é assumido não é redimido” (Irineu de Lion).

Um grande passo da Igreja na América Latina foi ter tomado consciência de que o “pecado social” não é a soma de pecados individuais<sup>14</sup>, mas pecados pessoais que passaram para as estruturas e instituições. Consequentemente, não basta “converter as pessoas” para anteciparmos o Reino de Deus na história. É preciso também “converter as estruturas”,

<sup>13</sup> G. GUTIÉRREZ. “La opción profética de una Iglesia” in *Tejiendo Redes de Vida y Esperanza: Cristianismo, sociedad y profecía en América Latina y El Caribe*, op. cit., p. 307-320; P. RICHARD. “La Iglesia Católica en América Latina y El Caribe y la opción por los pobres” in *Tejiendo Redes de Vida y Esperanza: Cristianismo, sociedad y profecía en América Latina y El Caribe*, op. cit., p. 321-331.

<sup>14</sup> Cf. R. MUÑOZ. “Para una eclesiología latinoamericana y caribañía” in *Tejiendo Redes de Vida y Esperanza: Cristianismo, sociedad y profecía en América Latina y El Caribe*. Bogotá: IndoAmerican Press, 2006, p. 333-352.



como disse Santo Domingo. Não de um lado e depois do outro, mas simultaneamente, como afirma *Evangelii Nuntiandi*, pois se a pessoa faz as estruturas, estas também fazem as pessoas. Conceitos do magistério da Igreja como “estruturas de pecado” (DP 281,452; SD 243), “injustiça institucionalizada” (DP 495,509,562), integram a erradicação do pecado social na ação evangelizadora.

Os arautos de uma caridade despolitizada, ingênua, anti-cristã, humilhante e ofensiva aos pobres, como apostam em saídas milagreas, gostam muito do estético, do rito, da beleza plástica das celebrações, de assembleias festivas, de sacramentais, relicários, devocionismos. Não deixa de ser uma reação a uma religião racionalista, fria, intelectualizante, distante do sentimento e do coração. Mas, ao lado do estético, é preciso colocar o ético, sob pena de transformar o simbólico em esotérico. Os símbolos cristãos não nos distanciam do concreto, da história, do cotidiano, da vida, ao contrário, eles apenas querem antecipar, no rito, a eternidade na precariedade do presente. O simbólico é a linguagem do sagrado e não atos de magia.

### “Igreja profética” no magistério do Papa Francisco

Na inauguração de seu pontificado, inspirado em João XXIII e alicerçado no testemunho dos mártires das causas sociais da Igreja na América Latina, o Papa Francisco expressou seu sonho incômodo: “como eu gostaria de uma Igreja pobre, para os pobres!”. E começou por ele mesmo: pagando suas contas no dia seguinte à sua eleição, simplificando seus trajes, trocando o trono por uma cadeira, conservando sua cruz peitoral e seus sapatos pretos, utilizando carro modesto... É a expressão da acolhida da famosa admoestação de São Bernardo ao seu confrade cisterciense, eleito para Eugênio III: “não te esqueças de que és o sucessor de um pescador e não do imperador Constantino”<sup>15</sup>. Em entrevista a um jornalista italiano, o Papa Francisco disse que “os chefes da Igreja, geralmente, têm sido narcisistas, adulados e exaltados pelos seus cortesãos. A corte é a lepra do papado”.

<sup>15</sup> Cf. C. DUQUOC, “Creo en la Iglesia”. Precariedad institucional y Reino de Dios, *Presencia Teológica* 112, Ed. Sal Térrea, Santander 2001, p. 134-140 (Original francês – “Je crois en l’Église”. Précarité institutionnelle et Règne de Dieu, Les Éd. Du Cerf, Paris : 1999).



No Brasil, o Papa Francisco tem repetido em diversas ocasiões: “a Igreja deve sempre lembrar, que não pode afastar-se da simplicidade”. Prestígio e poder são classificados por ele de “mundanidade”, pois afastam a Igreja da proposta evangélica do Reino de Deus, inaugurado e mostrado por Jesus de Nazaré. Em *Evangelii Gaudium*, afirma que “esta escura mundanidade se manifesta em muitas atitudes aparentemente opostas, mas com a mesma pretensão de ‘dominar o espaço da Igreja’. Em alguns, há um cuidado ostentoso da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas sem preocupar-se que o Evangelho tenha uma real inserção no Povo de Deus e nas necessidades concretas da história. Assim, a vida da Igreja se converte em peça de museu ou em uma posse de poucos” (EG, 95).

Coerente com o espírito da “opção pelos pobres”, tão bem explicitada e tematizada pela teologia latino-americana, o Papa Francisco faz dos pobres uma questão primeira e central na vida da Igreja e de seu pontificado. Como diz Dom Pedro Casaldáliga, “só há dois absolutos: Deus e a fome”. A preocupação primeira do Papa Francisco não é sua autoridade ou imagem pública, nem a doutrina da Igreja ou discursos bem arquitetados, mas o sofrimento e causa dos pobres no mundo, que são a causa de Deus. Como Jesus veio “*para que todos tenham vida e vida em abundância*” (Jo 10,10), a prioridade não é a religião, mas a vida minguada e ameaçada de dois terços da humanidade. Aliás, essa é verdadeira religião, pois tirando as consequências do dogma da Encarnação do Verbo, o cristianismo não propõe nada mais à humanidade do que sermos plenamente humanos (Fernando Bastos de Ávila). Para a *Gaudium et Spes*, Jesus é o ponto de chegada da missão da Igreja; seu ponto de partida é o ser humano. Ou como disse João Paulo II, com Irineu de Lion: “o ser humano é o caminho da Igreja” (RH, 14). Nisto está a essência do Evangelho, pois recolhe o modo de relação de Jesus com o sofrimento dos doentes, dos pobres, dos desprezados, sejam eles pecadores ou publicanos, crianças silenciadas ou mulheres desprezadas.

Para o Papa Francisco, urge “uma Igreja pobre e para os pobres” reais, não virtuais, numa “opção pelos pobres” não espiritualista. Como disse numa obra social em Roma e repetiu no Brasil: “você, os pobres, são a carne de Cristo”. Prolongam a paixão de Cristo, na paixão do mundo (Leonardo Boff). Por isso, para o Papa, “é nas favelas, nas vilas miséria, que se deve ir buscar e servir a Cristo”. No Centro Astalli, respondendo a algumas perguntas sobre “periferias existenciais”, o Papa encoraja os institutos religiosos com poucas vocações a não venderem os seus



edifícios, mas abri-los aos necessitados. E acrescentou: “a realidade é melhor entendida a partir da periferia do que do centro, que corre o risco da atrofia”.

Em *Evangelii Gaudium*, diante de tantas espiritualidades alienantes, o Papa Francisco clama por um cristianismo encarnado: “mais do que o ateísmo, hoje se coloca o desafio de responder adequadamente à sede de Deus de muita gente, para que não busquem apagá-la com propostas alienantes ou em um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro. Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que os sane, liberte, os encha de vida e de paz, ao mesmo tempo em que os convoque à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam, nem dão glória a Deus” (EG 89).

Na melhor tradição franciscana, o Papa Francisco frisa que “o cristianismo combina transcendência e encarnação”. São os dois braços da cruz que caracteriza os cristãos, acenando para a verticalidade e a horizontalidade da fé cristã. É a relação intrínseca entre “Pai nosso, que estás no céu” e o “Pão nosso, de cada dia”. Por isso, diz aos jovens, no Rio de Janeiro: “Ninguém pode permanecer insensível às desigualdades que ainda existem no mundo”. É preciso tomar posição, ir à ação: “quero que a Igreja saia às ruas, defendendo-se de tudo o que seja mundanismo, instalação, comodidade, clericalismo, estar fechada em si mesma”. Nem é preciso perguntar-se muito sobre o que fazer: “com as Bem-aventuranças e Mateus 25, se tem um programa de ação”. Para o Papa, o grande desafio para os cristãos consequentes com o Evangelho da vida é “não deixar entrar em nosso coração a cultura do descartável. Ninguém é descartável!”. Por isso, “tenham a coragem de ir contra a corrente dessa cultura eficientista, dessa cultura do descarte”. Em nossa sociedade, hoje, “a exclusão dos jovens e dos idosos é uma eutanásia oculta”.

Isso não se resolve simplesmente apelando para milagres, curas, ações paternalistas ou saídas providencialistas. Opção pelos pobres não é fazer do pobre um objeto de caridade. Como diz Bento XVI na *Caritas in Veritate*, o assistencialismo humilha o pobre. É preciso ir às causas da exclusão, que se remetem ao modelo econômico, social, político, cultural. Em *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco frisa que

*ninguém pode nos exigir que releguemos a religião à intimidade secreta das pessoas, sem influência alguma na vida social e nacional, sem nos preocuparmos com a saúde das instituições da sociedade civil, sem opinar sobre os acontecimentos que afetam os cidadãos.*



E continua:

*assim como o mandamento de “não matar” põe limite claro para assegurar o valor da vida humana, hoje temos que dizer “não a uma economia da exclusão e da falta de equidade”. Esta economia mata. É inadmissível que não seja notícia que morra de frio um idoso morador de rua e que o seja a queda de dois pontos na bolsa.*

E continua:

*hoje, clama-se por segurança, porém, enquanto não se elimine a exclusão e a falta de equidade no seio de uma sociedade e entre os povos, será impossível erradicar a violência. Acusa-se de violência os pobres e os povos pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as diversas formas de agressão e de guerra encontrarão terreno fértil, que cedo ou tarde, provocará sua explosão. Quando a sociedade – local, nacional, mundial – abandona na periferia uma parte de si mesma, não haverá programas políticos nem aparato policial ou de inteligência que possam assegurar indefinidamente a tranquilidade (EG 53).*

Chama a atenção o Papa Francisco nesta Exortação Apostólica, que “isto ocorre não somente porque a falta de equidade provoca a reação violenta dos excluídos do sistema, mas porque o sistema social e econômico é injusto em sua raiz”. Parafraseando João Paulo II, que afirmou a vigência de uma sociedade que gera “ricos cada vez mais ricos, à custa de pobres cada vez mais pobres”, o novo Papa diz que

*enquanto os ganhos de uns poucos crescem desmesuradamente, os ganhos da maioria ficam cada vez mais distantes do bem-estar desta minoria feliz. Este desequilíbrio provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira. Por isso, negam o direito de controle por parte dos Estados, encarregados de velar pelo bem comum. Instala-se uma nova tirania invisível, às vezes virtual, que impõe de forma unilateral e implacável suas leis e suas regras (EG 56).*

### 3 Uma Igreja missionária

Uma Igreja samaritana e profética, para uma Igreja “em estado permanente de missão”, é a desafiante proposta de *Aparecida*. O Papa Francisco clama por uma Igreja que saia às ruas, presente nas periferias existenciais.



## “Igreja missionária” em Aparecida

Missão não é campanha, um evento pontual, um projeto com data para começar e terminar. É o modo de ser Igreja, comunidade de “discípulos missionários”, chamados por Jesus e associados à continuidade de sua obra. Discipulado é seguimento de um Jesus pobre e itinerante; é colocar-se a caminho; é sair da própria terra, sustentado na fé de Abraão; é tornar-se apóstolo de uma salvação universal.

Para *Aparecida*, o sujeito da missão é a comunidade eclesial como um todo (*DAp* 362). Historicamente, se tendeu a entender a missão como uma tarefa de alguns na Igreja, ou de uma Congregação religiosa, ou a missão *ad gentes*, em terras distantes, em busca da implantação da Igreja. A missionariedade é da essência da Igreja. É a comunidade que é “o missionário” e que envia missionários em comunidade, “dois a dois”. Precede o anúncio “mostrar a fé” pela vivência fraterna, pelo “ter os bens em comum” (cf. At 2,42-44), o testemunho como motivo de credibilidade. Se a “Igreja existe para evangelizar” (*EN* 14), então, para *Aparecida*, tudo na comunidade eclesial deve estar direcionado à missão: as ações, os serviços, as estruturas, os ministérios.

Na perspectiva de *Aparecida*, o método pertence ao conteúdo, o método é também mensagem e, portanto, missão não é implantar a Igreja, sair para fora para trazer pessoas para dentro dela, ação centrípeta. Consiste antes em “irradiar” a vida e o testemunho cristão da comunidade eclesial. Irradiar é “dar de graça”, é partilhar alegremente um dom. É ser “luz do mundo”, “fermento na massa”, renunciando a qualquer resquício de cristandade ou de eclesiocentrismo.

Trata-se, para *Aparecida*, de “irradiar para persuadir”, pois o único método evangélico para evangelizar, como dizia Las Casas, é o da “persuasão pela força do amor”. Isso significa que a missão não tem “destinatários”, mas “interlocutores”. Não é *ad gentes*, mas *inter gentes*, como diz Paulo Suess. Como Deus não se impõe, mas se propõe, não há missão cristã fora de uma relação dialógica, horizontal, de evangelização mútua – “a Igreja só evangeliza na medida em que começa por se evangelizar a si mesma” (*EN* 15).

Finalmente, para *Aparecida*, uma Igreja em estado permanente de missão, só é possível, se houver “conversão pastoral” (*DAp* 365) e “renovação eclesial” (*DAp* 367). Conversão pastoral é mudança no “fazer” da Igreja, nas ações. Novas perguntas exigem novas respostas. Para



isso, é preciso “passar de uma pastoral de conservação a uma pastoral decididamente missionária”, superando o modelo tradicional paroquial, de sacramentalização, de predomínio do administrativo sobre o pastoral, clerical, eclesiocêntrico. Por sua vez, a renovação institucional consiste na mudança das estruturas – “*vinho novo em odres novos*” (Mc 2,22). Diz *Aparecida* que na Igreja há estruturas “obsoletas”, ultrapassadas (*DAp* 366), obstáculo à missão, que precisam urgentemente ser substituídas por novas formas de dar suporte à ação evangelizadora. É urgente mudar as ações e as estruturas para que a missão seja, de fato, um serviço à vida das pessoas e de nossos povos. A obra da evangelização está ligada a uma promoção humana, que leve à autêntica libertação, integral, abarcando a pessoa inteira e todas as pessoas, fazendo-as sujeito de seu próprio desenvolvimento (*DAp* 399). Por isso, a fé cristã deverá engendrar padrões culturais alternativos para a sociedade atual (*DAp* 480). A promoção da vida plena em Cristo nos leva a assumir evangelicamente as tarefas prioritárias que contribuem com a dignificação de todos os seres humanos e, para isso, a trabalhar junto com as demais pessoas e instituições (*DAp* 384), fazendo, dos pobres, sujeitos de mudança e de transformação de sua situação (*DAp* 394), evitando o paternalismo (*DAp* 397), no diálogo com as ciências (*DAp* 465), cuidando da ecologia (*DAp* 474), inculcando o Evangelho (*DAp* 479), de modo particular no mundo urbano (*DAp* 501) e na vida pública (*DAp* 509).

### “Igreja missionária” no magistério do Papa Francisco

Um tema recorrente nos pronunciamentos do Papa Francisco é o de uma “Igreja auto-referencial”, a Igreja do período de Cristandade, pautada pelo eclesiocentrismo de uma instituição que se crê o único meio de salvação, regida por princípios ideais e integrada por fiéis que se enquadram nos inúmeros requisitos pré-estabelecidos pelas leis canônicas. Sobram e se toma distância: dos irregulares, em situações que ferem códigos legais; dos que estão nas “periferias do pecado”, considerados perdidos porque impedidos de acesso aos sacramentos; dos que estão “nas periferias da ignorância e da prescindência religiosa”, excluídos como interlocutores dignos de serem levados a sério; dos que estão “nas periferias do pensamento”, desafio aos sistemas teológicos de contornos nítidos e certezas incontestáveis; enfim, dos que estão “nas periferias da injustiça, da dor e de toda miséria”, clamando não pelo julgamento de um juiz, mas pelo regaço de uma mãe. Aqui se encontram os pobres e analfabetos, os moradores de rua, a população carcerária, os dependentes



químicos, os homossexuais, as famílias incompletas, casais em segunda união, os dilacerados por rupturas de relações de diversa índole, os não-crentes, os padres casados, etc.

Estas “ovelhas desgarradas” não virão ao encontro de uma Igreja com o perfil do irmão mais velho da parábola do Filho Pródigo. Por isso, *Aparecida* fala da necessidade de passar de um eterno esperar, a um constante buscar. Para o Papa Francisco, “a posição do discípulo missionário não é uma posição de centro, mas de periferias”. Ainda como Bispo em Buenos Aires, criticava “as pastorais distantes”, pastorais disciplinares que privilegiam os princípios, as condutas, os procedimentos organizacionais, sem proximidade, sem ternura, nem carinho. Ignora-se, dizia ele, a “revolução da ternura”, que provocou a encarnação do Verbo. Ele tem razão, pois Jesus não veio para os sãos, mas especialmente para os doentes, os excluídos das instituições rígidas, para resgatar o que estava perdido, para redimir e não para julgar e condenar.

Na visita ao Brasil, no discurso aos bispos do CELAM, o Papa Francisco fala da necessidade “de uma Igreja que não tenha medo de entrar na noite dos pobres e seja capaz de encontrá-los no caminho que estão percorrendo”, tal como Jesus com os Discípulos de Emaús;

*de uma Igreja capaz de inserir-se na sua conversa. Precisamos de uma Igreja que saiba dialogar com aqueles discípulos, que, fugindo de Jerusalém, vagam sem meta, sozinhos, com o seu próprio desencanto, com a desilusão de um cristianismo considerado hoje um terreno estéril, infecundo, incapaz de gerar sentido. [...] Hoje, precisamos de uma Igreja capaz de fazer companhia, de ir para além da simples escuta.*

Nesta perspectiva, *Aparecida* fala de uma Igreja “alheia ao sofrimento que a maioria de nossa gente vive” (*DAp* 176).

Em mais de uma oportunidade, também em sua visita ao Brasil, o Papa Francisco desafia a Igreja a sair de si mesma, do centro, e ir para as ruas, às periferias. Seu pensamento recorrente e insistente frisa que

*uma Igreja que não sai de si mesma adoece, cedo ou tarde, em meio à atmosfera pesada do seu próprio fechamento. É verdade, também, que uma Igreja que sai às ruas pode sofrer o que qualquer pessoa na rua pode sofrer: um acidente. Diante desta alternativa, quero-lhes dizer francamente que prefiro mil vezes uma Igreja acidentada a uma Igreja doente. A doença típica da Igreja fechada é ser auto-referencial; olhar para si mesma, ficar encurvada sobre si mesma, como aquela mulher do*



*Evangelho. É uma espécie de narcisismo que nos leva à mundanidade espiritual e ao clericalismo sofisticado, e, depois, nos impede de experimentar a doce e reconfortante alegria de evangelizar.*

Em *Evangelii Gaudium*, afirma o Papa:

*se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, deve chegar a todos, sem exceções. Porém, a quem privilegiar? Quando lemos o Evangelho, nos encontramos com uma orientação contundente: não tanto aos amigos e vizinhos, mas, sobretudo, aos pobres e enfermos, aos costumeiramente desprezados e esquecidos, àqueles que “não têm com que recompensar-te” (Lc 14,14) (EG 48).*

Para uma Igreja missionária, capaz de chegar a todos, sobretudo, aos pobres e esquecidos, é preciso uma reforma de suas estruturas: trata-se de

*fazer com que todas as estruturas da Igreja se tornem mais missionárias; que a pastoral ordinária, em todas as suas instâncias, seja mais expansiva e aberta; que coloque os agentes de pastoral em constante atitude de saída.*

O critério específico para a reforma das estruturas da Igreja é a missão e não a sofisticação administrativa. Para o Papa, a “mudança das estruturas” (das caducas para as novas) não é “fruto de um estudo de organização do sistema funcional eclesiástico. [...] O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a missionariedade” (EG 27).

O Papa Francisco, na citada entrevista à *Civiltà Cattolica*, exorta que ao sair para as ruas, é preciso ficar atentos, para não cair na “tentação de domesticar as fronteiras: deve-se ir em direção às fronteiras, e não trazer as fronteiras para casa a fim de envernizá-las um pouco e domesticá-las”. É o respeito à alteridade, a acolhida dos diferentes, estar disposto a deixar-se surpreender e aprender com as diferenças, dado que na evangelização não temos destinatários, mas interlocutores. Em lugar de uma missão entendida como a busca de convertidos submissos e ignorantes, um processo de evangelização pautado pelo testemunho e o diálogo é condição para o anúncio do kerigma.

Nesta perspectiva, apresenta-se a tarefa do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. A verdadeira Igreja de Jesus é una, mas está dividida, o que é um escândalo diante da missão de promover a unidade de todo o gênero



humano. Por sua vez, como disse o Vaticano II, as religiões são depositárias de raios da mesma luz, que brilhou em plenitude em Jesus. O cristianismo tem a plenitude da revelação, mas isso não significa ter a exclusividade e nem tê-la entendido totalmente. No diálogo com as religiões, nós os cristãos podemos testemunhar e acenar para esta plenitude e também aprender do que já temos, mas que ainda não havíamos descoberto.

## Concluindo

A proposta de *Aparecida* se insere, por um lado, no contexto da renovação do Vaticano II, em sua “volta às fontes” bíblicas e patrísticas e, por outro, no gradativo processo de involução eclesial das últimas décadas. De maneira surpreendente e audaciosa, a V Conferência resgatou o Concílio e reafirmou a tradição libertadora da Igreja na América Latina. Foi o renascer de uma esperança. Tentaram exterminá-la com a censura ao “documento original”, o resgate da liturgia tridentina, a reafirmação da *Dominus Iesus*, a notificação a Jon Sobrino e o levantamento da excomunhão dos bispos tradicionalistas, que romperam com o Vaticano II e voltaram ao seio da Igreja, continuando os mesmos.

Foi neste contexto, entre o medo de avançar e a audácia de lançar-se na tessitura do risco, que a Igreja foi surpreendida com a eleição do Papa Francisco. Com *Aparecida*, o novo Bispo de Roma assumiu e propôs à Igreja universal a retomada da renovação conciliar, em estreita sintonia com o modo como a Igreja na América Latina a tem assumido e levado a cabo: uma “Igreja samaritana”, companheira de caminho na solidariedade com toda a humanidade, especialmente com os que sofrem; uma “Igreja profética”, no seio de uma sociedade excludente, que trata dos pobres como descartáveis e insignificantes; uma “Igreja em estado permanente de missão”, disposta a sair às ruas, ao encontro das periferias existenciais.

### *E-mails do Autor:*

agenor.brighenti@pucpr.br  
agenor.brighenti@gmail.com